

ISABEL RUTH

Falar de si próprio pode ser muito revelador. É um desafio à imaginação.

Ir ao encontro de uma realidade pressentida, penetrar em mundos que não nos são aparentemente acessíveis e decifrá-los, traduzi-los para a nossa linguagem corrente. É preciso ser hábil para falar de si sem contido desvendar-se, expor-se completamente. Não porque haja algo a esconder, mas porque nem tudo interessa a quem nos escuta ou lê.

Invento-me, pois na verdade não me conheço e o pouco que sei de mim esqueço-o facilmente. Renovamo-nos constantemente, segundo a segundo e o passado dissipa-se suavemente no presente.

Mais fácil é lembrar as acções do que as razões que nos conduzem a elas. Há uma fronteira entre o que se é e o que se parece ser, entre o que se pensa e o que se diz, entre o que se sente e o que se transmite.

Sinto-me igual a toda a gente obviamente, mas ao mesmo tempo única. Tenho consciência dos perigos que me rodeiam e evito-os, escapo-lhes sempre que posso mas quando me confronto com eles luto com todas as minhas forças. Sou eu própria que atraio esses perigos e sou eu também a única capaz de me libertar deles. As consequências são inevitáveis.

Ajo muitas vezes comigo como se não me pertencesse, espectadora de outro alguém que me surpreende.

Adoro o ritmo que a vida me imprime e acredito que esse é o tempo justo a percorrer. Saboreio o ritmo, esse vagar seguro que me conduz, não para onde a minha cabeça deseja ir, mas certamente para onde o coração ordena. A acção é vital e eu vou.

Há momentos em que me desconheço. Estranho este eu tão familiar que dou por garantido e trato por tu! Sou transportada para um universo íntimo de cores e vivências aonde não existe limite de espaço ou tempo. Existência com que me identifico. Sou ainda eu que vivo e ouço e regozijo.

Bate-me ritmado o coração e o meu cérebro fervilha de pensamentos. As palavras querem proferir coisas, talvez cantar, porque a alegria é tanta e a gratidão é o seu canto!

E o meu corpo. Concha onde me aconchego e abrigo, paredes sólidas onde meu sono e meus sonhos se criam e transmitem; Home Sweet Home, onde pródiga, inevitavelmente retorno.

Tentam-me sempre as paisagens fabuladoras, tão bem tecidas pela minha mente! Sou alvo fácil de encantar e não me sinto afastada da infância que persiste em mim.

Surge-me a palavra esperança. Sílabas após sílabas de certezas onde a vida se refaz. Meu berço onde me embalam promessas e cantares.

Quanta verdade se expressa quando me calo;

Mas as palavras soam bem quando o coração as solta, mesmo meio profanadas o seu eco alicia-me e faz-me recordar quem sou.

Plena mas restrita. Uma só aparência mas diversa. Activa mas estática.

Vazia mas parte de um Todo.

Sobrevivente à ilusão, espelho que tão bem reflecte a realidade mas que sem piedade se estilhaça!

Auto retrato-me, precavendo.

Confirmo ser e existir. Deito um olhar sobre mim mesma, penso-me e meço-me.

Tudo e nada.

Engendrada para viver cheia de graça mas hesitante a cada passo à beira de um poço de dúvidas.

Já vai sendo tarde. Divago.

Estendo os braços mas não chego tão perto quanto desejaria e isso obriga-me a insistir, a andar para a frente prosseguir;

Começo a sentir sono de pensar tanto e falar de mim. É o cansaço de desvendar o Infinito que todos nós somos.

Já embalei a minha alma q. b.

Deixo esta introspecção. Despeço-me desta conversa entre mim e eu.

Como sempre, foi um prazer !

Até sempre meu coração.

16.06.03